



O desprêzo pela educação popular

A cultura popular deve ser a expressão moral de um povo. Tem sido, porém, fonte de retórica de pessoas que nunca encaram criticamente o problema, ainda mesmo no enredo que lhes daria o exercício do poder superior. Tem sido, também, a amargura de sinceros e desinteressados propugnadores da educação das classes desprovidas. A ignorância passou a celebrizar uma assertão que, em qualquer país de desenvolvimento mental, se tornaria grotesco conceito.

Nenhum impulso se dá neste país de burocratas e emigrantes à cultura popular. Surgem esporadicamente belas iniciativas que se definham na obscuridade, no desapelo e no desconhecimento público.

A Universidade Popular Portuguesa foi a iniciativa de um grupo de professores que à educação popular procuram dar aquele esforço de que são capazes os proscritos de uma causa profundamente humana.

A notável instituição leva uma existência modestíssima, lutando perifericamente contra a ignorância vulgar, contra a ingratidão dos que deveriam compreendê-la e acarinharla, e contra o desolador analfabetismo que contamina, ao parecer, irremediavelmente, a população de Portugal. E assim, vai a Universidade Popular arrastando a sua existência na obscuridade e no abandono,

Só este episódio tão triste, a parte de tantos outros semelhantes, revela flagrantemente o atraço mental do país em que vivemos, sempre apático a todas as manifestações culturais, lamentoso das suas desventuras e pronto a sobressaltá-se por questões que muito pouco interessam a colectividade.

A cultura tem de ser a expressão moral de um povo... A realidade confunde. Somos um povo sem a mínima expressão, sem a menor cultura. Nenhuma actividade fecunda através de centenas e meia de quilômetros quadrados de terra inculta.

Como acontece nos países in cultos e abandonados, ninguém se sente bem, em Portugal, no exercício de uma profissão útil, porque nela se morre de fome ou se é ameaçado. A burocracia e a emigração são os únicos aspectos expressivos da decadência social desse povo.

Quem não possa anichar-se num emprego público, acomodar-se numa situação artificial em que só um ordenado seja, ainda que fraca mente, positivo, sente-se forçado a emigrar, a procurar longe melhor proveito pessoal das suas aptidões.

O problema da educação parece não interessar ninguém, não sei quando os ignorantes, que são, diversamente, a multidão e a seleção em Portugal, queiram entreter a sua obtusidade mental com uns ditos em que tudo se mostra, menos espírito.

Não se fala já na educação popular, parecendo que a indiferença e o esquecimento foram as soluções maravilhosas de um gravíssimo problema. Entretanto, fecham todos os dias escolas e institutos - e todos os dias esmorecem iniciativas que bem mereciam o êxito glorioso.

MARINHA MERCANTE

Um decreto sobre recrutamento de pessoal

Informar da Arcada:
Não podendo, pelo Acto de Navegação promulgado por decreto 8-7-1883, os novos mercantes portugueses, matricular, entre o pessoal da sua equipagem, tripulantes estrangeiros em número superior a um terço da sua lotação; mas reconhecendo que o rigoroso cumprimento de tal disposição coloca por vezes os capitães em condições de não poderem navegar com os seus navios, porquanto em portos estrangeiros os tripulantes que por doença, deserção, ou outras causas tenham abandonado o navio não podem facilmente ser substituídos por pessoal, vai ser publicado o seguinte decreto:

Em portos estrangeiros e sempre que por motivo de doença, deserção, ou outras causas de força maior, rigorosamente verificadas, a guarnição dos navios mercantes portugueses, se encontre reduzida abaixo do mínimo necessário para prosseguimento da viagem, poderá ser consentida a matrícula do pessoal estrangeiro indispensável para completar a lotação do navio até ao primeiro porto nacional onde seja possível substituí-lo por pessoal português.

Novo cabo submarino

LONDRES, 24. — A duplação do cabo submarino através do Pacífico ficou ontem concluída, sendo aberto ao serviço público. O rei Jorge V enviou uma mensagem aos governadores gerais do Canadá, Austrália e Nova Zelândia, felicitando-os pelo aumento de facilidades de comunicações.—L.

O «ESPÄDIM PORTUGUÉS»

Quem é um dos chefes da misteriosa organização monárquica

Andor o *Correio da Manhã* angustiado no obsceno desmentido ás nossas informações acerca de uma organização secreta que tem objectivos terroristas monárquicos. Pelo que sabemos, o órgão monárquico está desorientado, tão desorientado que sabe ainda menos do que nós, tão desorientado que se presta a defender uma organização que não deixam de ser inimigas, como eludíciadas da degenerescência em que caiu o riso. E mais do que amargura elas exprimirão um risco bem profundo sobre o futuro. México. O Concílio Plenário deve ser considerado como o último aviso aos confiantes, aos desculpidos e aos imprudentes.

Próssimo o órgão do sr. Pizarro, austero paladino da moral pública, nos desmentidos que apenas servem para entreter a curiosidade ignorante dos republicanos, que pouco menos desorientados andam. Prosseguindo enquanto nós o vamos informando devidamente da ação do famoso *Espadim Português* e — talvez — das personagens que nele se agitam.

Conversemos como pessoas despreocupadas de perigos. Falemos desse reverendo Neto, que, sem dúvida, o *Correio da Manhã* conhece tanto à evidência que não poderá negar que ele existe.

Padre Neto é um monárquico fervoroso, e das suas crenças faz ele um apostolado incessante. Mora no Terreiro do Paço, ao fim da Arcada, junto do café Neve. Sua casa, bem confortável, ostenta os retratos dos últimos reis, falecidos ou deputados. Padre Neto dedica-se à propaganda das ideias monárquicas e prega o ódio aos inimigos políticos. Pois foi em caso do padre Neto que se efectuaram várias reuniões de elementos monárquicos, saídos do mais distinto em pergaminhos da sociedade, símbolos hereditários de uma nobreza que se extinguiu e nunca mais se restabeleceu.

Padre Neto é dos mais esforçados organizadores do *Espadim Português*. Como todos os anormais que na sociedade defendem o passado, as tradições de uma época que fatalmente se extinguiu, padre Neto visiona em delírios a liquidação brutal e traígeira de tudo que constitua fonte de vida, mais brandura nos costumes, anseio generoso de progresso.

Padre Neto calcula friamente todas as possibilidades de se estender uma organização terrorista e reaccionária pelo país fora, de modo que em cada lugar e em cada família se encontre um espião ou um malfeitor, um sectário do tenebroso *Espadim*.

A organização do *Espadim Português* obedece a uma dessas maquinções em que os monárquicos estão sendo festeis. As principais figuras desta organização procuram apoiar-sas nas influências poderosas que conseguiram criar à sua volta, as quais incidem em posições que os republicanos ainda julgam guardas... Muito miopes são estes republicanos que nada compreendem e deixam que se constitua uma organização reaccionária, de fins secretos e terroristas, em fim, uma organização que tem inimigos até nesse *Correio da Manhã* que tão desinteressadamente a defende.

SACCO E VANZETTI

Trinta editores de jornais reclamam a substituição do juiz Thayer

NEW-YORK, Nov. 6.—O governador Alvan T. Fuller, de Massachusetts, afirmou aos editores de 30 jornais em línguas estrangeiras e na hebraica, que daria a sua «cuidadosa atenção» ao pedido de que seja demitido do Tribunal de Massachusetts o juiz Webster Thayer, por este ter recusado um novo julgamento no caso Sacco-Vanzetti.

A declaração do governador foi feita numa nota breve que foi entregue ao secretário do grupo de editores, cuja comunicação lhe chegou ás mãos pouco antes da sua partida para a Europa, com sua família, no vapor «France».

A carta dos editores expressava a opinião de que o procedimento do juiz contra Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti, acusados de assassinato, era baseado em preconceitos e não numa opinião judicial.

«Asseguro-vos — diz a resposta do governador — que darei ao assunto cuidadosa atenção. Tenciono estar de regresso em Boston a 20 de Dezembro».

Declarando que eram de opinião que o governador «não podia simpatisar com o evidente abuso do arbitrio judicial manifestado pelo juiz Thayer na sua decisão», os editores expressaram a sua opinião de que o procedimento do juiz contra Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti, acusados de assassinato, não foi baseado «numa opinião judicial sensata, mas sim em preconceitos e em nervosa justificação própria».

Quando levaram à atenção do juiz Webster Thayer carta de 30 editores de jornais publicados em línguas estrangeiras e de organizações de trabalho na cidade de New-York, exigindo a sua demissão do Tribunal Superior de Massachusetts, por causa de recusar um novo julgamento no caso Sacco-Vanzetti, a sua resposta foi: «Eu recuso-me a fazer qualquer comentário, e a minha atitude continuará a ser a mesma».

O juiz Thayer pediu os nomes dos editores que assinaram a carta, e saíram o facto de não estarem incluídos nem um dos principais jornais de New-York.

A quem competir

A claraboia de um prédio prestes a caír

A claraboia do prédio nº 14 da rua Barão de Sabrosa, pertencente ao sr. José de Ferro, está em tal estado de ruína que não tardará que venha a despenhar-se sobre as cabeças dos pobres inquilinos, roubando-lhes a vida.

A comissão administrativa da Secção da Construção Civil do Alto do Pina, em face de tão grave perigo, chama a atenção de quem competir para este facto a fim de evitar-se algum desastre lamentável.

A Companhia Portuguesa de Pesca pretende esbulhar os seus operários

de uma valha regalia

O Sindicato Metalúrgico, tendo conhecimento de que a Cooperativa Portuguesa de Pesca com oficinas no Olho de Boi, pretende retirar aos operários uma regalia de vinhas gozando há tempos, e que consiste nas passagens da margem Norte do Tejo para a margem Sul, comunica aos interessados que vai tratar do assunto junto da Direcção da dita Companhia.

Otrrossim convida todos os metalúrgicos abrangidos ou não por tal medida draconiana, a passar pela sede — rua da Esperança, 122 — hoje, pelas 18 horas, a fim de se tomar conhecimento directo da vontade dos interessados.

A quem competir

A claraboia de um prédio prestes a caír

A claraboia do prédio nº 14 da rua Barão de Sabrosa, pertencente ao sr. José de Ferro, está em tal estado de ruína que não tardará que venha a despenhar-se sobre as cabeças dos pobres inquilinos, roubando-lhes a vida.

A comissão administrativa da Secção da Construção Civil do Alto do Pina, em face de tão grave perigo, chama a atenção de quem competir para este facto a fim de evitar-se algum desastre lamentável.

O Concílio Plenário

Começou ontem os seus «trabalhos» o Concílio Plenário da Igreja Católica que está reñido ainda a estas horas na Sé Patriarcal. Esse Concílio é uma formidável ligação para todos aqueles que se riem estupidamente quando lhes apontavam que o clericalismo entra numa fase de revivência e estava constituindo de novo um grande perigo para todos os que não têm alma de escravo e se não mostram dispostos a pôr-se de côncores perante o papa. Esses risos estúpidos devem a estas horas ter arrefecido nos rostos que os exprimiam. A amargura substituirá nessas faces, o riso. E mais do que amargura elas exprimirão um risco bem profundo sobre o futuro. México. O Concílio Plenário deve ser considerado como o último aviso aos confiantes, aos desculpidos e aos imprudentes.

A rancorosa frase de Cristo «Eu não vim trazer a paz ao mundo mas sim a guerra» actualiza-se para exprimir uma incontroversa verdade.

O Concílio Plenário acaba com o período ignominioso das concessões hipócritas, das generosidades pródigas; o Concílio Plenário é a declaração de guerra, feita com desassombro, à sociedade portuguesa.

A Igreja vai, nesta reunião, afirmar a sua

fórmula e provar que já pode transpor os

humildes dos templos, e entrar em nossas

casa, abrindo-nas famílias dramáticas divergências, estabelecendo no país um per-

íodo de fanática intolerância, de insolente

poderio.

Não receia os adversários; afronta-os;

provoca-os, desafia-os. Convencida de que

vai pisar impunemente o cadáver dum po-

vo que vive as suas horas de maior miséria

e de maior iniquidade, a sua audácia não

conhecer limites.

E é triste dizer: estamos amarrados de

pés e mãos; não podemos dar, nestas con-

junções, uma resposta retumbante. Esta-

mos nesta triste situação: a dos vencidos

sem luta. Torcemos os pulsos de impotê-

ncia — para maior prestígio da Virgem San-

tissima, maior glória do Senhor das Al-

uras... Só nos resta pronunciar, de riso

amarelo, esta facécia, chôcha: que Nossa

Senhora do Ar os abençoe... e até um dia.

E é de braços cruzados que assistimos

ao significativo espetáculo de os maiores

jornais consagrarem ás ambícias dos pre-

lados um largo espaço que sempre nega-

ram ás vulgarizações da ciéncia e ás aspi-

rações progressivas. E é ainda, na mesma

atitude, que lemos o seguinte pedacinho de

carta num jornal monárquico:

«O nosso país também pagou e ainda mal

o seu tributo ao êrro; mas um país que se

formou e firmou pela fé dos seus fundado-

res, que se expandiu e tomou proporções

de gigante pela fé de seus reis e seus navega-

dores, pela fé e pelo martírio dos seus mis-

sionários, um país assim educado de

preço, via que seguia má estreia e arrion-

do caminho. Evocou o seu passado cheio de

fé, cheio de Deus e pensou que só pela fé

e pela religião podia fazer reviver a sua

glória e grandeza passadas. Começou a

a pensar que a esta época de dispersão dos

espíritos, que temos atravessado, deverá

seguir-se a concentração das almas e das

vontades, e esta concentração só pode

realizar a religião católica pela firmeza mo-

ral da sua doutrina e pela elevação dos seus

preceitos.

Em todo o país também pagou e ainda mal

o seu tributo ao êrro; mas um país que se

formou e firmou pela fé dos seus fundado-

res, que se expandiu e tomou proporções

de gigante pela fé de seus reis e seus navega-

As duas fórmulas: colectivista e comunista

Tomada à letra, a fórmula colectivista é naturalmente impraticável. «A cada um o produto do seu trabalho», ou «segundo o seu trabalho». Mas como se ha de destrinçar, na extrema complexidade e emaranhamento da produção moderna, a parte que cada um tem na elaboração do produto? Como se ha de obter para isso uma medida comum se, o trabalho individual varia de intensidade, de valor e de esforço na unidade de tempo? E, como se ha de determinar, portanto, um valor de troca?

O lema, porém, é suscetível de outra interpretação. Ele afirma, no seu íntimo, o direito do produtor a gozar o fruto integral do seu esforço, a não se deixar explorar, a repelir o crime de parasitismo. «Os trabalhadores e só a eles, o produto do seu trabalho». Ou segundo a tradução russa: «quem não trabalha: não come».

Rejeitando do seu seio o ocioso, negando-lhe as suas vantagens e garantias sociais, a sociedade nova não exerce violência alguma, pois a ninguém recusa o direito ao trabalho, e à disposição de cada um põe os meios e instrumentos necessários. O trabalho não é uma imposição do homem sobre o homem, é uma necessidade natural; e o ser válido que a elle se subtraí desarranjo-sobre os ombros dos restantes membros da comunidade—ainda que o seu parasitismo não vá, como hoje, até ao capitalista, que limita a produção e mantém um estado de constante carestia—pratica um acto anti-social contra o qual a comunidade se acha em estado de legítima defesa. Nem lhe cabe levantar a mínima queixa, em vista do seu direito ao uso dos meios de produzir, que lhe permite ir trabalhar à parte e a seu modo, só ou com os seus seguidores.

A fórmula comunista é, sem dúvida, infinitamente mais justa e livre. O sentimento da sua justiça superior é, aliás já antigo nas sociedades, e na seia delas tem recebido aplicações fragmentárias ou impuras, a pesar dos privilégios reais, a pesar das situações e sinecuras de favor a-pesar do parasitismo burocrático.

De cada um segundo as suas forças: é a expressão do trabalho voluntário. Entretanto, é preciso adaptar o esforço colectivo às exigências da produção para que sejam satisfeitas as necessidades gerais, e então pode chegar o momento em que, embora tendo sempre em vista as forças de cada um, é necessário pedir um sacrifício suplementar, que não pesará exclusivamente sobre uma classe de homens, mas será equitativamente distribuído por todos menos pelos incapazes.

A cada um segundo as suas necessidades: é a expressão da igualdade. Designa-se esta sensação do mesmo modo, com igual razão, necessidades desiguais.

Mas é evidente que se trata das necessidades comuns, para cuja satisfação a comunidade organiza os serviços públicos. As necessidades individuais são ilimitadas, se a sociedade pretender satisfazer todas as necessidades particulares e restritas, as secundárias e as de fantasia, as que não são gerais ou em quanto a não são, prejudicaria certamente a produção essencial e pediria aos seus membros um esforço excessivo. Essa tarefa deve ficar entregue à iniciativa, cooperação e labor dos próprios interessados, fora da cota-partes de serviços que tornam o emprego de prestar à comunidade.

Em conclusão resumindo tudo: quanto maior for a abundância, mais fácil será a aplicação da fórmula comunista. Mas a abundância tem a nova sociedade que a criar (e só ela pode criar), exigindo sacrifícios ao trabalho e restrições ao consumo. A sociedade burguesa deixa-nos uma péssima herança.

Colectivismo? Comunismo? (Repetimos que, em todas as nossas considerações neste trabalho, temos sobretudo em vista o período revolucionário e o de reconstrução, e não a sociedade comunista na plena posse dos seus meios).

Na sua construção ideal, Pouget e Pataud (*Como faremos a Revolução*) põem um e outro sistema: os produtos de primeira utilidade são distribuídos conforme as necessidades (comunismo) e os outros são visoriamente adquiridos por meio dum taxá suplementar de trabalho (colectivismo), até se tornarem abundantes. E é bem possível que assim venha a ser, e até que venham as soluções de lugar para lugar.

Como são possíveis outras soluções mistas, em que o comunismo, a princípio reduzido (porque os próprios produtos de primeira utilidade podem escassear), se irá gradualmente alargando, desde que não subsista um poder capaz de impor a sua vontade e os seus interesses do bando.

Os anarquistas, evidentemente, esforçam-se por introduzir na nova organização social a maior soma possível de comunismo.

Dado, porém, que não possam ou nem achem conveniente tentar experiência à parte, difícil lhes será desde logo induzir os trabalhadores à prática do comunismo, sobretudo no interior da cada comunidade. Produção insuficiente; necessidade dum trabalho intenso para a levantar; profunda e indignada revolta moral contra o parasitismo, mesmo sob a simples forma de ociosidade; receio quanto à boa vontade e lealdade dos elementos sábios, das escórias provenientes da sociedade burguesa, com os seus hábitos de preguiça, o seu desamor à boa execução da obra, suas facilidades, o seu far-niente burocrático, a sua boavida de intermediários e especuladores — alguns dos obstáculos, porventura insuperáveis.

O trabalhador objectará:

— Os produtos não chegam. É preciso trabalhar muito. Os preguiçosos, incompetentes e desleixados são ainda muitos: a nova moral ainda não teve tempo de os curar. E se a comunidade exclui totalmente dos seus benefícios quem não trabalha, porque não excluir metade delas, aquele que só produziu metade daquilo com que parece contribuir para o bem-estar comum? A meia tarefa, meia razão. Não haverá inteira justiça distributiva — mas temos que nos defender.

Os anarquistas procurarão então que não subsista nem se estabeleça nenhuma espécie de cinismo, mesmo para os produtos insuficientes, distribuídos mais ou menos proporcionalmente ao trabalho feito. Bastaria que os organismos de distribuição directa fossem regularmente munidos de mapas de frequência do trabalho, corroborados por cacteretas pessoais.

O anarquista iria entrar o limão alvejado. Ele permite o encruscamento e cá facilidades ao roubo: é portanto fator de ociosidade e de perigo parasitismo.

A revolução, aliás, desvalorizando extremamente o dinheiro, favorece essa supressão. As massas rurais, em especial, rejeitam desconfiadamente a moeda depreciada, os *asignats*, as senhas de trabalho, ou qualquer outra invenção financeira. Querem produtos — alianças agrícolas, adubos, vestuário, calçado, etc. — e não papel inútil. Iu-se o que sucedeu na Revolução Fran-

teatro Nacional
HOJE
Telf. N. 3049

COMPANHIA
BERTA BIVAR — ALVES DA CUNHA

A's 21 horas: representação do sensacional drama em 4 actos

O PARALÍTICO
peça que todos devem ir ver para apreciar o natural trabalho do autor

ALVES DA CUNHA
O mais artístico espectáculo da actualidade

BREVEMENTE — A tragi-comédia:

O homem e os seus fantasmas

O CONGRESSO DA ELECTRICIDADE

Afirmações importantes acerca da crise piscatória

COIMBRA, 22.—Depois de encerrado o Congresso de Electricidade, realizou-se no Hotel Astória, pelas 21 horas, um banquete de confraternização, ao qual assistiram o ministro do Comércio, autoridades administrativas e militares, representantes da imprensa, etc.

A *Batalha* também recebeu um cartão de convite para o banquete, deferência que dispensou sem que esta atitude envolva qualquer desconsideração para com os membros do Congresso. Jornal operário, com uma orientação nitidamente revolucionária, não poderia sentir-se bem *A Batalha* num banquete onde se iriam incensar ministros e personagens em destaque na política e na finança e com a assistência de personagens da chamada alta burguesia.

Referimo-nos, porém, ao banquete, pelo facto de um congressista, segundo informes que colhemos, ter tido a ombridade de criticar a atitude de inércia do governo em face do grave problema da pesca.

Esta atitude vincou, de mais num acto onde a maioria dos assistentes, como o sr. Carlos de Oliveira, bebia à saúde do governo...

Esse congressista, o sr. Martins Rocha, faz um brinde especial à Associação Commercial de Coimbra, em nome da Associação Industrial do Porto.

Respondendo a várias considerações de oradores antecedentes, o sr. Martins Rocha rebate certas afirmações sobre as centrais hidro-electrificadas.

Depois de ter frisado o estado calamitoso dos nossos rios em regime torrencial, chamou calorosa e interessadamente a atenção do ministro sobre a desgraçada situação em que se encontra a classe piscatória portuguesa. Fala sobre os pescadores de Matosinhos, mas não pode deixar de reconhecer a extensão do mal a todo o país.

A par da grande crise que os pescadores atravessam, a atitude incompreensível das entidades oficiais portuguesas ante o abuso das traîneiras espanholas que, pescando em águas portuguesas, perseguem muitas vezes a tiro os nossos pescadores, não é justificável. E' para essa classe piscatória e para estes factos, que chama a atenção do governo, reclamando a adopção de medidas energéticas, pois estes momentosos assuntos merecem rápida solução.

O banquete te minou cépulas da meia noite. — C.

TEATRO AVENIDA
Tel. N. 333

O teatro mais popular de Lisboa

SÁBADO, às 21,30 horas

COMPANHIA SATHALEA-AMARANTE

Espectáculo com risos em bilros e o único teatro que explora com éxito o gênero do comédia musical.

O monumental «vaudeville»

O Dr. da Mula Ruça

MUSICA

3.º Concerto Fão no Gimnásio

E verdadeiramente brilhante o programa do 3.º Concerto Fão, que vai efectuar-se domingo no Gimnásio. Para a sua execução, a Orquestra Portuguesa será consideravelmente aumentada, para que tenham todo o realce as notabilíssimas composições que vai interpretar. Assim, além da 4.º Sinfonia, Glazunov, obra maravilhosa que suficiente para atrair a atenção do público que se interessa, a valer, pelos assuntos musicais, a Orquestra Portuguesa — dedicada nos lá, também, com a audição de «As Fontes de Roma», de Respighi, o moderno e admirável compositor italiano, e a do «Vôo de Moscardo», «chacra» de Ruy Kerczenov, que sempre desperta no público os mais vibrantes aplausos. A interpretação dessas três obras colossais da arte musical, bastam por si sós, para impor, em absoluto, um programa de concerto, ao mesmo tempo que dá a ideia exacta do aprimorado gosto do seu organizador, o ilustre maestro Fernandes Fão, que continua caprichando em nos proporcionar tardes verdadeiramente deliciosas, ao domingo, no Gimnásio. Para o 3.º Concerto Fão, já estão à venda os bilhetes.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Exploração

Propostas para a exploração dos bufetes das estações de Aveiro, Tôrre das Vargens e Elvas

Esta Companhia aceita propostas em carta fechada, para a concessão e exploração dos bufetes, acima indicados, durante o ano de 1927, devendo as mesmas ser endereçadas à Direcção Geral, na estação de Santa Apolónia, até às 13 horas, do dia 2 de Dezembro, com a designação exterior de:

Proposta para a exploração do bufete da estação de.....

As condições da exploração em que são cedidos os referidos bufetes encontram-se ratentes nas respectivas estações e em Santa Apolónia, na Divisão da Exploração.

Lisboa, 16 de Novembro de 1926.—Pelo Director Geral da Companhia, o Engenheiro Chefe da Exploração, — Lima Henriques.

Caras existindo operações tanto internas quanto exteriores em 5 dias, na Farmácia Ultramarina, rua de São Paulo, 101. Receta completa, 30\$00.

Hemorroidal

Cura-se evitando operações, tanto internas quanto exteriores em 5 dias, na Farmácia Ultramarina, rua de São Paulo, 101. Receta completa, 30\$00.

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de *A Batalha* acaba de editar, 1926, o decreto 533, de 7 de Maio

Lições de Governo, de 26 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de 3\$00.

Aos sindicatos que desejem aquirir quantidades ter-hão um abatimento de 30% e em caso de

pedidos de abatimento de 50%.

Na redação de *A Batalha* existem 1000

folhas de 8 folhas.

Preço 15\$00 — Pelo correio 13\$00

Folhas de 8 folhas

Preço 15\$00 — Pelo correio 13\$00

Folhas de 8 folhas

Preço 15\$00 — Pelo correio 13\$00

Folhas de 8 folhas

Preço 15\$00 — Pelo correio 13\$00

Folhas de 8 folhas

Preço 15\$00 — Pelo correio 13\$00

Folhas de 8 folhas

Preço 15\$00 — Pelo correio 13\$00

Folhas de 8 folhas

Preço 15\$00 — Pelo correio 13\$00

Folhas de 8 folhas

Preço 15\$00 — Pelo correio 13\$00

Folhas de 8 folhas

Preço 15\$00 — Pelo correio 13\$00

Folhas de 8 folhas

Preço 15\$00 — Pelo correio 13\$00

Folhas de 8 folhas

Preço 15\$00 — Pelo correio 13\$00

Folhas de 8 folhas

Preço 15\$00 — Pelo correio 13\$00

Folhas de 8 folhas

Preço 15\$00 — Pelo correio 13\$00

Folhas de 8 folhas

Preço 15\$00 — Pelo correio 13\$00

Folhas de 8 folhas

Preço 15\$00 — Pelo correio 13\$00

Folhas de 8 folhas

Preço 15\$00 — Pelo correio 13\$00

Folhas de 8 folhas

Preço 15\$00 — Pelo correio 13\$00

Folhas de 8 folhas

Preço 15\$00 — Pelo correio 13\$00

Folhas de 8 folhas

Preço 15\$00 — Pelo correio 13\$00

Folhas de 8 folhas

Preço 15\$00 — Pelo correio 13\$00

Folhas de 8 folhas

Preço 15\$00 — Pelo correio 13\$00

MARCO POSTAL

Vila Nova de Gaia.—Correspondente: O endereço da pessoa que pedes é: rua Morais Soares, 69, 2º, Dt., Lisboa.

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	9475.	
Madrid cheque	2597	
Paris, cheque...	570,5	
Suíça, ...	578	
Bruxelas cheque	2574	
New-York, ...	19500	
Amsterdão	7584	
Itália, cheque...	583	
Brasil, ...	2353	
Praga, ...	585,5	
Suecia, cheque	5524	
Austrália, cheque	2577	
Berlim,	4567	

TEATROS

Nacional.—A's 21,15.—O Parálico. São Luís.—A's 21.—O Príncipe Orloff. Gimnásio.—A's 21,30.—A Pelica do Gato. Poitevina.—A's 21.—O Centenário. Apolo.—A's 20,30 e 22,30.—A Princesa Manequim.

Eden.—A's 20,45 e 22,45.—Cabaz de Morangos.

Variedades.—A's 20,30 e 22,45.—Saracote.

Coliseu.—A's 21.—Companhia de Circo.

Salão Foz.—A's 15 e 20,30.—Variedades.

Joaquim de Almeida.—A's 21.—Variedades.

Avenida Parque.—Diversões.

CINEMAS

Tivoli.—Avenida da Liberdade.—Olimpia.—Matinées e noites—Salão Central.—Praça dos Restauradores.

Chiado Terrasse.—Rua António Maria Cardoso.—Cinema Condesa.—Avenida da Liberdade.—Pathé Cinema.—Rua Francisco Sanches.—Salão Ideal.—Rua do Loreto.—Eden Cinema.—Rua do Alívio (Alcântara).—Cine Paris.—Rua Ferreira Borges.—Alhambra.—Parque Mayer (Variedades).—Salão Lisboa (Mouraria).—Cine Esperança.—(Rua da Esperança).—Dominos, terças, quintas e sábados, às 20,30, animatógrafo.

Salão da Promotora.—A's 20 horas.

Policlínica da Rua do Ouro
Entrada: RUA DO CARMO, 98
TELEFONE N. 5353

Medicina, corações e pulmões—Dr. Armando Narciso—A's 5 horas.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilas—horas.
Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.
Peces e sifilis—Dr. Correia Figueiredo—11 e 12 horas.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 horas.
Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.
Gengivas, cariz e ovidos—Dr. Mário Oliveira—10 horas.
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Belo—5 horas.
Doencas das senhoras—Dr. Emílio Paiva—2 horas.
Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—12 horas.
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—5 horas.
Dentes e raios—Dr. Armando Lima—10 horas.
Lentigo e radix—Dr. Cabral de Melo—4 horas.
Halo X—Dr. Alvaro Salazar—4 horas.
Análises—Dr. Gabriel Braga—4 horas.

**CONSELHO TÉCNICO
DA
CONSTRUÇÃO CIVIL**

Encarregue-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os gêneros, jazigos em terraços, fachadas, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármores de todas as províncias.

Telefone — 539 Trindade

Escrítorio:

Calçada do Combro, 38-A, 2º

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livrando-as das doenças de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

—Estou perdido... A guilhotina...

O sr. Desmarais e a filha foram para junto dele, ergueram-lhe a cabeça pendida, e deram-lhe saias a respirar. Apenas ele recuperou os sentidos, entrou Gertrudes dizendo:

—O sr. Billaud-Varenne precisa falar ao senhor para um negócio urgente.

A notícia da visita do seu colega na Convenção pareceu reanimar o advogado. Um cláro de esperança lhe brilhou no olhar ainda há pouco quase extinto. Ele ergueu-se bruscamente, dizendo consigo: Billaud deve já ter falado a S. Just. Se ele aceitar a minha proposta, estou salvo!

Depois, dirigindo-se à mulher e à filha, disse-lhes com voz rude:

—Retirem-se, que tenho de falar com o cidadão Billaud-Varenne sobre assuntos graves...

O sr. Desmarais ordenou à criada que introduzisse no salão o cidadão Billaud-Varenne... Gertrudes saiu. Os dois agentes de polícia postados de sentinela estavam sentados ao pé da porta do salão.

—Recuperemos sangue frio, disse o advogado enxugando o suor que lhe inundava as faces. Billaud-Varenne é uma espécie de monstro, talvez ainda mais perigoso do que Marat. Que resposta me trará ele? Se S. Just consentir em ser meu genro, já não tenho mais nada a temer... Mas senão... Oh! que inferno!

Billaud-Varenne entrou no salão: não era um monstro, como disse o advogado, mas um homem de convicções inflexíveis e duma probidade austera, possuidor duma certa fortuna; ele, imitando Lepelletier S. Fargeau, Héraut de Séchelles e outros cidadãos ricos, não recebia a indemnização concedida aos representantes do povo: dotado duma eloquência natural, muitas vezes arrebatadora, não tinha a revolução um patriota mais dedicado a ela e à República do que Billaud-Varenne. Trazia cabeleira negra, e casaco castanho escuro com botões de aço; ele respeitava a

Cerâmica Portuguesa, Limitada**ESTE SEGURO IMPÕE-SE A TODOS OS TRABALHADORES**

Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA garante aos seus, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imediatamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS garante para a sua velhice uma pensão de reforma de ESC. 100\$00 MENSAIS pagos enquanto vivo.

Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famílias e para com vós mesmos, segurando-vos em

A MUNDIAL

Companhia de Seguros Sede — Rua Garrett, 95

LISBOA

IMPORTE:

Mediate um ligeiro sobre-prémio, A MUNDIAL pôr-vos-há ao abrigo da

DOENÇA E INVALIDEZ

NAO SOFRAM MAIS!**Usem HERPETOL para as****= Doenças da pele (=**

Uma dose desse medicamento acalma e faz com que desapareça a coimbra.

O HERPETOL é um resíduo o primeiro medicamento descoberto para as doenças da pele, tais como: ECZEMAS, MANCHAS, ERUPÇÕES, VERRUGAS, MOLHOS, COIMBRA, ERUPÇÕES NA PELE e MORDEDEURAS DE INSETOS.

Instantes depois da aplicação, o padecente ve com regresso sintomas de restabelecimento.

A CURA É CERTA, em muitos casos um só frasco e o suficiente para uma cura. Se sofre, compre sem demora este especializado que a vende nos principais farmácias.

DEPOSITOS:

LISBOA, R. DA PRATA, 237, I.

Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano desse interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalha ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variadíssimos assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice) 20\$00.

Capas índice em separado, 15\$00

Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 38 dessa revista intitulado *El drama de un amor vulgar*, de J. Rodríguez Aragón, —Preço: 50.—

Pedidos à administração de A Batalha.

Artigo 16.º § único. Ao sócio que infrin-
gir este compromisso será pela sociedade am-
ortizada a respectiva cota em 10 por
cento do seu valor, determinado conforme
o artigo 14.º, considerando-se como feita a
amortização logo que na Caixa Geral dos
Depósitos seja efectuado o depósito da im-
portância daqueles 10 por cento.

2.º Diariamente deverão os agentes que
o arrematante encarregar desse serviço,
fazer a pesagem de aparas e resíduos reco-
hidos, em presença de um agente da Com-
panhia.

3.º O pagamento será efectuado na esta-
ção de Lisboa P., em seguida à pesagem
das aparas e resíduos recolhidos.

4.º Ao arrematante serão fornecidos
dois bilhetes de identidade a fim de serem
utilizados por dois agentes seus para a en-
trevista nas cais e linhas da estação de Lisboa P., bem como nos lastros dos va-
ges que tenham servido a esses transpor-
tes.

5.º Não responderá o arrematante que
se arremata a pagar a pesagem de aparas e resíduos
recolhidos, em presença de um agente da Com-
panhia.

6.º Terá de pagar o arrematante a pena de 100\$000

7.º Terá de pagar o arrematante a pena de 100\$000

8.º Com as presentes alterações e as re-
sultantes da saída do sócio Manuel Anjos Machado continua subsistindo e em vigor
o pacto social constante da escritura de 8 de Março de 1924.

9.º O remanescente para ser distribuído pelos sócios na proporção das importâncias realizadas das respectivas cotas.

10.º O § único do artigo 16.º fica substi-
tuído pelo seguinte:

10.º Os lucros líquidos que se apurarem em cada balanço terão a seguinte aplicação:

a) 5 por cento, pelo menos, para fundo de reserva legal;

b) As percentagens que forem julgadas convenientes para a constituição de quaisquer fundos de amortização ou previdência e para a remuneração da gerência e conse-
lhos fiscais;

c) O remanescente para ser distribuído pelos sócios na proporção das importâncias realizadas das respectivas cotas.

11.º O § único do artigo 16.º fica substi-
tuído pelo seguinte:

11.º Os lucros líquidos que se apurarem em cada balanço terão a seguinte aplicação:

a) 5 por cento, pelo menos, para fundo de reserva legal;

b) As percentagens que forem julgadas convenientes para a constituição de quaisquer fundos de amortização ou previdência e para a remuneração da gerência e conse-
lhos fiscais;

c) O remanescente para ser distribuído pelos sócios na proporção das importâncias realizadas das respectivas cotas.

12.º O § único do artigo 16.º fica substi-
tuído pelo seguinte:

12.º Os lucros líquidos que se apurarem em cada balanço terão a seguinte aplicação:

a) 5 por cento, pelo menos, para fundo de reserva legal;

b) As percentagens que forem julgadas convenientes para a constituição de quaisquer fundos de amortização ou previdência e para a remuneração da gerência e conse-
lhos fiscais;

c) O remanescente para ser distribuído pelos sócios na proporção das importâncias realizadas das respectivas cotas.

13.º O § único do artigo 16.º fica substi-
tuído pelo seguinte:

13.º Os lucros líquidos que se apurarem em cada balanço terão a seguinte aplicação:

a) 5 por cento, pelo menos, para fundo de reserva legal;

b) As percentagens que forem julgadas convenientes para a constituição de quaisquer fundos de amortização ou previdência e para a remuneração da gerência e conse-
lhos fiscais;

c) O remanescente para ser distribuído pelos sócios na proporção das importâncias realizadas das respectivas cotas.

14.º O § único do artigo 16.º fica substi-
tuído pelo seguinte:

14.º Os lucros líquidos que se apurarem em cada balanço terão a seguinte aplicação:

a) 5 por cento, pelo menos, para fundo de reserva legal;

b) As percentagens que forem julgadas convenientes para a constituição de quaisquer fundos de amortização ou previdência e para a remuneração da gerência e conse-
lhos fiscais;

c) O remanescente para ser distribuído pelos sócios na proporção das importâncias realizadas das respectivas cotas.

15.º O § único do artigo 16.º fica substi-
tuído pelo seguinte:

15.º Os lucros líquidos que se apurarem em cada balanço terão a seguinte aplicação:

a) 5 por cento, pelo menos, para fundo de reserva legal;

b) As percentagens que forem julgadas convenientes para a constituição de quaisquer fundos de amortização ou previdência e para a remuneração da gerência e conse-
lhos fiscais;

c) O remanescente para ser distribuído pelos sócios na proporção das importâncias realizadas das respectivas cotas.

16.º O § único do artigo 16.º fica substi-
tuído pelo seguinte:

16.º Os lucros líquidos que se apurarem em cada balanço terão a seguinte aplicação:

A BATALHA

QUESTÕES DE ACTUALIDADE

MATERIALISMO E IDEALISMO

Mil vezes se tem constatado que os homens, antes de alcançarem a verdade, isto é, aquela soma de verdade relativa, alcançável nos diversos momentos do seu desenvolvimento intelectual e social, caem, às vezes, nos mais variados erros, olhando as coisas, ora dum lado, ora do outro, e saltando assim dum exagero ao exagero oposto.

E um fenômeno deste gênero, e que interessa altamente toda a vida social contemporânea, o que eu quero examinar agora.

Há poucos anos todos eram «materialistas». Em nome duma «sciéncia» que era a dogmatização de princípios gerais, sacados de incompletissimos conhecimentos positivos, pretendia-se explicar toda a psicologia humana e toda a complicada história da humanidade pelas simples necessidades materiais elementares. No «factor económico» residia tudo: o passado, o presente e o futuro. Todas as manifestações do pensamento e do sentimento, todas as vicissitudes da vida, amor e ódio, boas e más paixões, condições da mulher, ambição, ciúme, orgulho de raça, relações de toda ordem entre indivíduos e povos, guerra ou paz, submissão ou revolta das massas, constituições várias da família e da sociedade, regimes políticos, religião, moral, literatura, arte e ciéncias, tudo, em fim, não era senão uma simples consequência do modo de produção e distribuição da riqueza e dos instrumentos de trabalho que prevaleciam em cada época. E os que tinham uma concepção mais ampla e menos simplista da natureza humana e da história, eram considerados, tanto no campo conservador como no campo revolucionário, como gente atraçada e sem «sciéncias».

Este modo de ver, influía, naturalmente, na conduta prática dos partidos, levando a sacrificar os mais nobres ideais aos interesses materiais e às questões económicas, a mudez de mínima importância.

Hoje a moda é outra. Hoje todos são «idealistas». Cada um afecta desprezar o «ventre» e trata do homem como se fosse um puro espírito, para o qual, comer, vestir e satisfazer as necessidades fisiológicas são coisas mínimas a que não se deve prestar atenção, sob pena de decadência moral.

Não me ocupo aqui desses pomposos burlões, para quem o «idealismo» não é mais do que hipocrisia e instrumento de lógo; também não me ocuparei do capitalismo que prega aos operários o sentido do dever e o espírito de sacrifício, para poder, sem resistência, reduzir os salários e aumentar os lucros pessoais; nem do «patriota» que, cheio de fervente amor pela pátria e espírito nacionalista, procura devorar a sua pátria, e se fôr possível, a pátria dos outros; nem do militar que, pela glória e pela honra da sua bandeira, explora os vencidos, oprimindo-os e esmagando-os.

Escrivo para a gente sincera, especialmente para aqueles companheiros nossos que, tendo observado que a luta pelas melhorias económicas tinha concluído por absorver toda a energia das organizações operárias, atá sufocar toda a sua potencialidade revolucionária, e rendo agora a grande maioria do proletariado deixar que, docilmente, lhe arrebatem todas as garantias de liberdade e de pensamento, com a vã esperança de ter o trabalho assegurado e boa paga, esses companheiros, embora contrariando-se, mostram tendências a abandonar, por desgosto, toda a preocupação com a luta económica, para restringir, ou elevar, se assim preferem, a nossa actividade ao campo da educação e da luta propriamente revolucionárias.

O problema principal, a necessidade fundamental, é a da liberdade — dizem eles. E a liberdade não se conquista nem se conserva senão através de lutas fatigantes e de sacrifícios cruéis. E' preciso, então, que os revolucionários não dêm importância às pequenas questões de melhorias económicas, e que combatam o egoísmo dominante no seio das massas, propagando o espírito de sacrifício. E que, em vez de prometer aces conquistas, inspirem nas multidões o orgulho de sofrer por uma causa nobre.

Estou perfeitamente de acordo. A liberdade, a liberdade íntegra e completa, é, certamente, a conquista essencial, visto que ela é a consagração da dignidade humana e é o único meio pelo qual se pode e se deve.

Errico MALATESTA

Câmara Municipal de Lisboa

Um mercado agrícola em Belém

A Comissão Administrativa, segundo nos consta, pensa em, logo que consiga a transferência para Belém do mercado de peixe existente em Santos, adaptar e instalar no edifício onde este mercado se encontra um grande depósito para abastecimento dos mercados da capital. O depósito que será um mercado geral será fornecido de produtos agrícolas e hortícolas não só pelas carroças mas também pelos caminhos de ferro e via marítima.

Intimações e multas

Foi intimado o sr. David Jorge a suspender as obras que sem licença da câmara está procedendo e que constam da construção de 10 casas abarracadas da alvenaria destinadas a habitação nos terrenos dos Lages de El-Rei, devendo munir-se da respectiva licença sob pena de procedimento imediato caso não cumpra a intimação.

Também o sr. José Maria Marques, na sua casa na rua do Sol a Chelas, sem licença camarária construiu um telheiro e acrescentou um muro com frente para a referida via pública pelo qual foi intimado a pedir a licença e a apresentar o respectivo projeto sob pena de procedimento imediato.

Foi intimado a requerer a licença da Câmara e a pagar a respectiva taxa de indemnização o sr. Manuel Duarte, por ter, sem a devida autorização, construído na habitação dos 4.º e 5.º andares e águas furtadas do seu prédio situado na rua da Praia n.º 80.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Cooperativa 2.ª Comuna. — Reúne hoje, pelas 21 horas, para discutir a alteração aos Estatutos. Pede-se a comparecência de todos os sócios.

LITERATURA REVOLUCIONARIA EM CASTELHANO

Maximo Gorki	6\$00
Como se forja um Mundo Nuevo.	6\$00
Cuentos de Itália	6\$00
La vida de um Hombre inútil	6\$00
Wladimir Korolenko	6\$00
El Imperio de La Muerte	6\$00
Dr. G. Feydoux	10\$00
La vida tragicas de los Trabajadores	10\$00
Jean Maserian	10\$00
La Educación Sexual	9\$00
El matrimonio, el amor libre y la libre maternidad	9\$00
E. Reclus	6\$00
La Montaña	6\$00
El Arroyo	6\$00
Octavio Mirbeau	6\$00
El Calvario	6\$00
P. Kropotkin	6\$00
La ética, La revolución y el Estado	6\$00
Luis Fabbri	6\$00
Crítica revolucionaria	6\$00
H. Malatesta	6\$00
Ideario	6\$00
F. Dostoyevsky	9\$00
Los Hermanos Karamazov	9\$00
Trotsky. — Constituição política da República dos Soviéticos	5\$0
G. Williams. — O congresso da International Sindical Vermelha	1\$00
C. de G. O. N. M. — Proprietary consciente	5\$00

LA NOVELA SOCIAL

Interessante coleção de 10 novelas colaboradas por um bom número de escritores revolucionários. — Preço 10\$00

Pedidos à administração de A BATALHA

SEÇÃO DE LIBRARIAS DE "A BATALHA", PUBLICAÇÕES SOCIOLOGICAS

—Organização Social Sindicalista Antonelli. — A Rússia bolchevista	3\$00
Eura Merlier. — A razão dum padre Dufour. — O sindicalismo e a proxima revolução (2 volumes)	2\$00
Emilio Bossi. — Cristo nunca existiu	6\$00
Goo Williams. — Relatório dos delegados dos I. W. W. ao congresso da L. S. V. de Moscou	1\$00
Gustavo Le Bon	1\$00
As primeiras consequências da guerra	8\$00
Ensínamentos psicológicos da guerra europeia	8\$00
Leis psicológicas da evolução dos Povos (enc.)	6\$00
Guyau. — Ensaios, dumas, moral sem obrigação nem sanção	5\$00
Educação e Hereditariadade	4\$00
Hamon	1\$00
A conferência da paz e a sua obra As lições da guerra mundial	5\$00
O movimento operário da Grã-Bretanha	8\$00
Psicología do socialista-anarquista	5\$00
A crise do Socialismo	5\$00
A psicología do militar profissional	5\$00
Henrique Leone. — O Sindicalismo	5\$00
Heliódoro Salgado	4\$00
O culto da Imaculada	10\$00
Jean Grave	5\$00
A sociedade Futura	4\$00
O indivíduo e a sociedade	4\$00
Joseph J. Eitor. — Unionismo industrial	5\$00
Julio Guesde. — A lei dos salários	5\$00
Justus Ebert. — Os I. W. W. na teoria e na prática	5\$00
Kropotkin	1\$00
Anarquismo, sua filosofia e seu ideal A Grande Revolução (2 vol.)	10\$00
A moral anarquista	5\$00
Os bastidores da Guerra	3\$00
O Estado e o seu papel histórico Lazaré. — A Liberdade	15\$00
N. Lénine. — Os problemas do poder dos Soviéticos	15\$00
O Estado e a Revolução	4\$00
Landauer. — A Social Democracia na Alemanha	5\$00
Manuel Ribeiro. — Na linha de fogo	3\$00
Marx. — O Capital	5\$00
Melchior Inchofer. — Monarquia jesuítica	3\$00
Nietzsch	3\$00
Anti-Cristo	4\$00
Genealogia de moral	4\$00
Neno Vasco. — Ao Trabalhador Rural — Geórgicas	3\$00
Novicov. — A emancipação da mulher Pataut e Pouget. — Como faremos a revolução	4\$00
Perfeito de Carvalho. — Notas e comentários	4\$00
Sébastien Faure. — Doze provas da inexistência de Deus	1\$50
Tomás da Fonseca. — Sermões da Montanha	12\$00

Biblioteca de Instrução Profissional

Manuals de ofícios

Galvanoplastia	18\$00
Motores de explosão	20\$00
Navegante	16\$00
Cimento armado	25\$00

Construção Civil

Acabamentos das construções	16\$00
Alvenaria e Cantaria	13\$00
Edificações	13\$00
Encanamentos e salubridade das habitações	13\$00
Materiais de construção	20\$00
Terrenagens e aterreiros	13\$00
Trabalhos de Carpintaria	16\$00

Diversas indústrias

Condutor de Máquinas	20\$00
Foguete	16\$00
Formador e estucador	12\$00
Fundidor	13\$00
Pilotoagem	16\$00
Indústria alimentar	12\$00
Indústria do vidro	12\$00

Elementos gerais

Álgebra elementar	13\$00
Aritmética prática	15\$00
Desenho linear geométrico	12\$00
Elementos de electricidade	30\$00
Elementos de Mecânica	12\$00
Elementos de Modelação	16\$00
Elementos de Projeções	12\$00
Elementos de Química	13\$00
Geometria plana e no espaço	13\$00
Fabricante de tecidos	13\$00

Secção Profissional dos Carpinteiros Civis

Comemorando o 4.º aniversário da Secção dos Carpinteiros realiza-se uma sessão de propaganda associativa, em que tomam parte delegados da Construção Civil, C. T., C. G. T. e outros organismos. Para o mesmo efeito esta Secção fará distribuir um manifesto convidando o operariado em geral a assistir à dita sessão que tem lugar, na próxima segunda-feira, na sua sede, Calçada do Combro, 38-A.

Em torno da Alemanha

O pacifismo dos franceses

PARIS, 24.—O sr. Briand discursando na comissão parlamentar dos negócios estrangeiros expôs as linhas gerais da sua política externa, declarando ter a int